

● FESTIVAL LITERÁRIO

À procura de Clarice Lispector

MARIA CATARINA NUNES
mnunes@dnoticias.pt

Começou sobre como a Clarice Lispector, ainda criança, criava histórias para resgatar a mãe, mesmo que por momentos, da doença que a consumia. Mas as dimensões da criatividade da escritora, assim como a urgência que a impelia a salvar os outros, são apenas um olhar sobre as muitas camadas que a autora mostra ao longo da sua obra. E foi mesmo para desfiar conversa sobre os vários fragmentos que completavam Lispector, que o tradutor americano Benjamin Moser e a jornalista Raquel Marinho se instalaram confortavelmente à boca de cena do Teatro Municipal Baltazar Dias, no terceiro dia do Festival Literário da Madeira 2018.

Sobre a vida da escritora que nasceu na Ucrânia mas que chegou ao Brasil, refugiada, com apenas um ano e meio por causa da perseguição aos judeus, pouco mais se sabia. Foi por isso que Benjamin Moser, ele próprio também refugiado judeu, urgiu dedicar-se a uma pesquisa exaustiva sobre o que vai para além da escrita de Clarice Lispector, uma das autoras brasileiras do século XX. Deste trabalho resultou, em 2010, "Clarice Lispector, Uma Vida", a biografia da

escritora. Benjamin Moser e Raquel Marinho tocaram em diferentes medidas de Lispector: a relação com os deuses, por exemplo, é notável na sua obra. No segundo dia de festival a escritora neozelandesa Eleanor Catton falava sobre a importância que a astrologia sempre teve em vários momentos da História, quase como se ela fosse um protótipo da psicologia actual (e que Catton imprimiu no seu livro "Os Luminares", vencedor do Man Booker Prize em 2013). E é este vínculo - um fio embrionário que se liga aos astros e ao, que está para lá do que o olho humano consegue ver - que Clarice Lispector também traça na sua escrita: "É uma ideia clariciana", crê Moser. "Aproximar-se disto é um processo penoso porque todos queremos ser importantes, ter sobrenomes importantes e profissões... Mas no fim vamos todos morrer de qualquer forma. Desculpem lá se não sabiam!", disse a rir-se.

Mas basta até pensar nas personagens criadas por Lispector, quase sempre envoltas em doenças, tragédias e que, condenadas à morte, acabam salvas por um anjo ou qualquer outro milagre divino. Só que a ligação a qualquer entidade superior também ganha outros contornos na obra da brasileira. Clarice Lispector



Benjamin Moser acabou agora, também, a biografia de Susan Sontag.

REFUGIADA JUDIA, LISPECTOR CHEGOU A PERNAMBUCO COM POUCO MAIS DE UM ANO

usa-a para fazer cair as máscaras que criamos e usamos durante a vida, até chegar a uma personificação do "asco, dos extremos" humanos. (Metáfora largamente exposta no livro "A Paixão de GH", onde Lispector cria todo o enredo à volta de uma mulher que come uma barata).

Benjamin Moser e Raquel Marinho conversaram ainda sobre o casamento de Clarice, sobre o constante rodopio de viagens a que era obrigada por ser casada com um diplomata: "Mas ela não queria ser só uma embaixadora", recorda o autor da biografia. Clarice tinha noção que quanto mais tempo passasse, mais difícil seria implantar um lugar

na literatura portuguesa. Diz Moser: "Sou um rapaz de Houston, completamente americano, mas vivo na Europa. Não é por falar outra língua e fingir que sou escritor que quando chego lá... A infância e família é o que nos forma. A infância é sempre o lugar para onde voltamos". E "ela fez isso de uma forma literal".

E se mais tempo houvesse (como linhas neste texto), Moser e Marinho, juntamente com todos aqueles que estiveram ontem no Teatro, continuariam noite dentro a explorar os diferentes retalhos de uma mulher à procura de salvar os outros, como da sua própria salvação.